



Bomba, terremoto ou neve: o que para Jerusalém?

Bombs, Earthquake or Snow: What Does Stop Jerusalem?

Leopoldo O. C. de Oliveira

Resumo: Este artigo contrasta fatos cotidianos ocorridos em Jerusalém, como ataques à bomba, terremotos e neve, com as configurações literárias da cidade, tentando auferir sua importância para o sentimento de pertença étnica e nacional do Israel contemporâneo.

Palavras-chave: Jerusalém. Cotidiano. Literatura.

Abstract: This article compares daily events in Jerusalem, such as bombing, earthquake and snow, to the literary accounts of the city, trying to inquiry, by means of this contrast, its importance to the ethnic and national feelings of pertaining in modern Israel.

Keywords: Jerusalem. Daily Life. Literature.

Vinte e nove de janeiro de 2004, Jerusalém, Israel: uma bomba explode por volta das nove e meia de uma manhã de inverno dentro de um ônibus da linha 19, sentido Guivat Ram, nas imediações da residência do Primeiro Ministro Ariel Sharon e do Parlamento Israelense, a Knesset. Dez pessoas morreram, incluindo o terrorista – um homem-bomba ligado à polícia da Autoridade Palestina, de apenas 24 anos de idade – e quarenta forma hospitalizadas, com ferimentos das mais variadas gravidades.

A região do atentado foi isolada, os mortos recolhidos, os feridos socorridos. Recebi a notícia no primeiro intervalo, dez e meia da manhã, de um curso de hebraico intensivo que fazia naquele inverno no campus Monte Scopus da Universidade Hebraica. Fiquei muito consternado, pois, a pesar de usualmente viajar para casa (Praça Allembly, por detrás da Estação Central de Ônibus, Jerusalém Ocidental, quase na saída da cidade para Tel Aviv) utilizando a linha 28, mais rápida; às vezes também me servia da linha 19, especialmente quando precisava passar antes no mercado central da cidade, Mahanê Yehuda.

Naquele dia, fui para casa no horário usual, uma e meia da tarde, pela linha 28 (nunca mais utilizei a 19) e fiquei espantado ao ver que o tráfego na cidade continuava normal. Meus companheiros de hospedaria (franceses, alemães, americanos, canadenses, suecos e japoneses), ao contrário de mim, que não pus



mais os pés na rua naquele dia, continuaram a sair para seus compromissos: aulas, cinema, bares, visitas a museus e a amigos.

Entre os próprios israelenses, parece não ter havido comoção tão forte. Os noticiários locais reservaram espaço adequado para o evento, focalizando muito mais a expectativa da chegada a Tel Aviv dos corpos de três soldados e de um empresário (Tannenbaum) sequestrado pelo Hezbollah, libertados como resultado de negociações diretas com o governo israelense; que em troca libertou mais de quarenta suspeitos de terrorismo.

Cerca de uma semana e meia depois do atentado à linha 19, também em um intervalo das aulas, fui revelar alguns filmes no *shopping* da universidade. Ao voltar para a unidade na qual se dava o curso, passando pelo portal que separa o shopping do pátio central de pedra, senti um abalo forte e brevíssimo; átomos de segundos. Imediatamente, o local se encheu de estudantes, professores e funcionários da universidade e das lojas. Todos a mirar o horizonte, em todas as direções, em busca de sinais de fumaça; pois o primeiro pensamento foi o de que uma bomba havia explodido no *campus*. A suspeita não durou cinco minutos. Logo ficamos sabendo que um terremoto de 5.1 pontos na Escala Richter, com epicentro no Mar Morto, cerca de uma hora dali, havia atingido Jerusalém.

Não houve vítimas nem maiores danos. Apenas um ou outro prédio com rachaduras leves, incluindo uma rachadura no teto do Parlamento; o que foi interpretado por alguns como uma advertência de Deus a Sharon do que aconteceria com seu governo (rachar) se continuasse com a intenção de pôr em prática algumas de suas ideias. Lógico que também nisso havia divergências: para os conservadores mais radicais, Sharon não deveria pôr em prática a ideia de evacuar os assentamentos judaicos da Faixa de Gaza; para os liberais mais radicais, Sharon não deveria continuar a construção do muro que isolaria por completo a Cisjordânia.

Também naquele dia, a vida transcorreu normalmente na cidade. Alguns alegaram até não haver sentido o abalo, sabendo do fato apenas pelos noticiários e por amigos que o sentiram. Outros, mais versados nas geociências diziam em tom jocosos: “às vezes a falha geológica do Mar Morto (Falha Afro-Asiática), o ponto mais abaixo do nível do mar na terra, dá o ar de sua graça”.

Quatorze de fevereiro de 2004, um sábado antes de minha volta ao Brasil, a temperatura, que para um carioca já é muito fria (média de 6°C), caiu bastante e o que os jerosolimitas esperavam desde o início do inverno ocorreu. Por volta



de três e meia da tarde começou a nevar. Uma neve de intensidade razoável, que durou umas dez horas e, ao final, acumulou-se em apenas seis ou sete centímetros pelas ruas e telhados da cidade.

Domingo, que é dia útil em Israel, não houve aula nas escolas e universidades, muitas pessoas não foram trabalhar, os ônibus só começaram a circular, regularmente, depois de meio dia e a cidade se encheu de israelenses do litoral, que na madrugada haviam subido às montanhas da Judeia para não perder a única e efêmera neve do inverno da Cidade Santa. Em suma, foi um verdadeiro feriado não apenas na cidade, mas em algumas regiões do país, cujos habitantes afluíram à capital. Houve até um concurso, organizado de última hora pela prefeitura, de feitura de homens de neve. A neve parou Jerusalém.

É de conhecimento de todos que a neve, para causar transtornos tais que obriguem uma cidade a parar, deve acumular-se em, no mínimo, um metro de altura; obstruindo as vias e os bueiros, congelando e rachando as tubulações de água e gás e, até, causando danos nas redes elétricas e de telecomunicações.

Alguns companheiros de hospedaria, como eu, espantaram-se com o fato de que uma cidade populosa e atarefada como Jerusalém se desse ao luxo de parar suas atividades cotidianas por meros seis centímetros de “água congelada em flocos”, quando catástrofes humanas e naturais (bomba e terremoto) não estorvaram um átimo sequer de seus afazeres.

Para brincar, eu dizia que o fascínio pela neve só poderia ser explicado por uma saudade atávica e geneticamente herdada do rigoroso inverno da Europa Oriental e, para comprovar, evocava os versos de Lea Goldberg, no poema “Árvores”: “Aqui não ouvirei a voz do cuco/ Aqui não se curvará a árvore pelo peso da neve”¹ e ainda a estrofe final “Com vocês eu me plantei duas vezes/ Com vocês eu floresci pinheiro/ E minhas raízes estão em duas paisagens diferentes”. (GOLDBERG, citado por NINI, 2001, p. 12).

Pura brincadeira mesmo. Tais versos poderiam descrever os sentimentos de duplicidade e hibridismo das primeiras gerações de pioneiros, divididos entre o antigo lar e a vida que deixaram para trás na Europa e o desafio de construir e amar a nova/velha pátria no Oriente Médio. Na atualidade, no máximo e forçando um pouco, poderíamos relacionar o poema com a nova onda de emigrados russos, que enfrentam vários problemas de inserção na sociedade sabra. Seguramente não poderíamos relacioná-lo com os israelenses.

O que há de europeu, de ocidental, na cultura e no pensamento laico do país não representa apenas a manutenção e o desenvolvimento dos padrões e dos



valores de uma de suas principais fontes populacionais (judeus asquenazitas); mas também e principalmente o reflexo das profundas mudanças no panorama político-econômico e cultural do mundo: a globalização.

Entretanto, a globalização não explica a adoração pela neve, atestada também por A. B. Yehoshua em seu romance *O Sr. Máni*, quando a personagem Agar Shilo relata a sua mãe que, ao partir pela primeira vez de Jerusalém, “fora havia uma tempestade; as pessoas ao meu redor no ônibus diziam, no fim vai nevar... vai ter que nevar...” (YEHOSHUA, 1992, p. 53) e, mais adiante, ao voltar no mesmo dia para a cidade, a personagem comenta que:

Já eram nove horas e pela televisão do café mostraram o noticiário; começaram com as imagens da neve esvoaçando pelas ruas de Jerusalém; as pessoas olhavam com grande interesse, acreditando que mesmo que a neve derretesse durante a noite, ao menos ela permaneceria na televisão e ainda haveria tempo de viajar honrosamente de volta a Tel-Aviv. (YEHOSHUA, 1992, p. 53)

Talvez consigamos entender o que a neve, que aparece pouco e rapidamente no inverno de Jerusalém, representa para essa cidade (e, por extensão, para Israel) se examinarmos algumas das representações e interpretações literárias de Jerusalém.

Naomi Shemer, em sua canção “Jerusalém de Ouro”, poeticamente nos descreve que:

O ar das montanhas é puro como vinho
É o cheiro dos pinheiros
É levado no vento do entardecer
Com a voz dos sinos
É no adormecer de uma árvore e de uma pedra
Preso em seu sonho
Está a cidade que solitária permanece
É que tem em seu coração uma muralha

Em sua versão original, de maio de 1967, as duas estrofes seguintes, respectivamente, lamentavam a ausência de população judaica na parte oriental da cidade (na época, dominada pela Jordânia) e celebravam a importância de Jerusalém para o imaginário judaico. Em junho de 1967, quando as áreas



citadas, que abrigam muitos lugares santos para o judaísmo, voltaram ao controle israelense, após a Guerra dos Seis Dias, a segunda estrofe da canção foi reformulada não apenas para cantar a volta dos judeus aos seus lugares santos e a reunificação da cidade, mas também para formar uma antítese com a versão original, em um jogo poético que utiliza a mesma estrutura e palavras-chave, porém com uso de antônimos e imagens contrastivas. Vejamos:

(Versão original, maio de 1967)

Como secaram os poços d'água?
A praça do mercado está vazia
E não há quem suba ao Monte do Templo
Na Cidade Velha
E nas cavernas que há na rocha
Ventos uivam
E não há quem desça ao Mar Morto
Pelo caminho de Jericó

(Segunda e definitiva versão, junho de 1967)

Voltamos aos poços d'água
Ao mercado e à praça
Um *shofar*² chama na Montanha do Templo
Na Cidade Velha
E nas cavernas que há na rocha
Mil sóis brilham
Voltemos, desçamos ao Mar Morto
Pelo caminho de Jericó

De qualquer modo, a poesia de Shemer nos passa ainda hoje um sentimento de quietude desolada, de uma tristeza intrínseca e ancestral. É a famosa *dmama* hierosolimita, uma espécie de quietude quase completa, um silêncio que quase se pode ouvir, uma mescla de lamento, tristeza e mistério. Sobre a *dmama*, nos diz Amos Oz em seu texto "Jerusalém Celeste e Jerusalém Terrena":

De vez em quando, elevam-se os sons da cidade: motores, sinos, apitos de sirene, latidos de cães, um alto-falante de rua, uma britadeira. Porém, todos esses sons não atrapalham a voz do silêncio que está por trás deles. Esta é a *dmama* jerosolimita, a qual, se se presta atenção, pode ser



ouvida até em uma rua barulhenta. (OZ, citado por OMLINSKY, 1993, p. 62).

Se é verdade que os sons e vozes da modernidade e da pós-modernidade compulsórias e, talvez, tardias, em que Jerusalém foi obrigada a se inserir não abafam o som pungente de seus silêncios; verdade também é que, até mesmo por contraste, a *dmama* é composta de sons, que escoam e ecoam por entre suas brechas e desvãos. Mesmo na quietude da madrugada ou no início sonolento do *shabat*, a cidade fala, testemunhando sobre a guerra surda entre etnias, sobre os conflitos religiosos e de interesses em que os homens a envolvem.

Se me for permitido aqui um testemunho pessoal, gostaria de descrever um desses sons abafados pela vida urbana, mas que emergem de e pela *dmama*: sexta feira, três horas da tarde. Comércio fechado, transporte parado. Todos já se recolheram às suas residências para o preparo do jantar festivo do *shabat*.

Da varanda da hospedaria, observo um judeu ortodoxo caminhar apressadamente pela praça Allembly em direção à sinagoga adjacente. Um carro de passeio surge. Imediatamente, o pedestre vira-se em sua direção e grita em iídiche: *Shabes!* (é sábado!). O motorista está sendo repreendido por dirigir no sábado, dia de descanso em que não se pode trabalhar, caminhar longas distâncias e, para os ortodoxos, dirigir.

Acho graça no pitoresco (para meu amigo norte-americano, surreal) da situação, enquanto meu anfitrião diz estar contente de que eu tenha tido a experiência de rir do acontecido, pois certamente não seria nada divertido ver o caro ser apedrejado, o que fatalmente aconteceria se estivéssemos no bairro ultra-ortodoxo de Mea Shearim, não a muitas quadras dali.³

Sim, mesmo a Jerusalém judia não é unitária; é múltipla: há a Jerusalém laica e a Jerusalém religiosa; a Jerusalém ortodoxa e a não ortodoxa; a Jerusalém histórica e a moderna; a Jerusalém do trabalho e a da boemia. Todas elas uma cidade só, que se polarizam apenas aparentemente, mas que, na verdade, se interpenetram nas mais variadas combinações; que surgem umas de dentro das outras, como as famosas bonecas russas. Talvez por isso, Hana, personagem central do romance *Meu Michel*, de Amos Oz, escreva:

Quem é que pode realmente sentir-se em casa, aqui em Jerusalém, eu me pergunto, mesmo que more aqui cem anos? (...) Jerusalém não existe. Migalhas foram jogadas



para enganar pessoas de boa fé. Há cascas dentro de cascas e a semente é proibida. Eu escrevi: “nasci em Jerusalém”. Mas “Jerusalém é minha cidade” não consigo escrever. (...) é uma cidade recolhida dentro de si mesma. (OZ, 1982, p. 77).

Realmente, às vezes é difícil não só compreender a cidade e tudo o que nela se passa, mas também se sentir confortável, em casa. Mesmo quando não se é israelense, mas se é judeu. Segundo o Padre Maurice Dubois, em conversa com Amos Oz, há pessoas que viveram toda a sua vida em Jerusalém, mas que ainda assim sentem saudade e anseiam por Jerusalém: a Jerusalém espiritual. (OZ, citado por OMLINSKY, 1993, p. 62) Cidade complexa, cheia de contrastes, sua aura de santidade é constantemente desmentida não só pelas marcas da vida urbana, caótica e consumista, mas também por ser o centro de um jogo de interesses que se explicitam, embora tentem se esconder, nos mais diversos níveis.

Talvez tenha sido esta a intenção de A. B. Yehoshua (desmistificar, ressaltar o real de Jerusalém) ao descrever a cidade em termos nada elogiosos no decorrer de *O Sr. Máni*. Nesse romance, Jerusalém é descrita como um “útero de pedra” do qual os judeus como “bodes e cabras inquietos” surgiram, “cidadezinha enfadonha e poeirenta na Ásia Menor”, na qual seus habitantes esperam “qual a próxima epidemia que virá com o verão”.⁴

Entretanto, ou por isso mesmo, nas palavras do Padre Dubois, Jerusalém ainda é o centro do mundo, o olho do universo, pois tudo o que lá sucede (as lutas políticas, a violência, o sangue derramado) representa, no fim das contas, uma luta espiritual. No meu entender, não apenas no sentido religioso, mas no sentido de uma luta do espírito humano pela eliminação desses acontecimentos, pela afirmação do que há de melhor em todos nós. Uma luta perene para transformar a Jerusalém terrena não na Jerusalém celeste da tradição místico-religiosa, mas em uma cidade na qual sua etimologia esteja explícita em cada esquina, em cada mente e cada coração: Cidade da Paz.

Talvez seja por isso que Jerusalém não para pelas bombas ou pelos terremotos, mas para pela neve. Há um componente de resistência nisso. Não é o caso, como alguns alegaram em conversas particulares sobre o tema, de que o não parar para as catástrofes seja o mesmo que ignorá-las, como se o israelense



tivesse que fingir que tais coisas não existem para poder continuar a vida e não enlouquecer.

O israelense não para pelas bombas porque um dia as bombas terão que cessar, porque ele não tem outra terra para morar e porque uma solução justa e satisfatória para ele e para os árabes quanto à posse da terra deve ser urgentemente encontrada, sob pena de que ambos pereçam (em todos os sentidos, não apenas no físico). O israelense pára pela neve por uma celebração das coisas boas do mundo, pelo milagre transformador da natureza, pela celebração da alegria e da vida.

* **Leopoldo O. C. de Oliveira** é Professor Adjunto de Língua e Literatura Hebraicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Leopoldo é Bacharel e Licenciado em Português-Hebraico pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Mestre em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica pela Universidade de São Paulo e Doutor em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Autor de vários artigos acadêmicos sobre Literatura Israelense e Judaica, também é autor do Livro *O Sr. Mâni, de A. B. Yehoshua – considerações sobre a identidade judaico-israelense* (Humanitas/FFLCH-USP, 2004).

Notas

¹ Todos os originais em hebraico traduzidos por Leopoldo O. C. de Oliveira, exceto quando indicado.

² *Shofar* – corneta ritual feita de chifre de carneiro, utilizada para chamar os fiéis nas principais festividades judaicas. Quando as tropas israelenses conquistaram Jerusalém oriental em junho de 1967, tocou-se um *shofar* onde, presumivelmente, estaria localizado o Templo de Jerusalém.

³ Para evitar confrontos, já há não pouco tempo as ruas do Mea Shearim são interditadas ao tráfego no *Shabat*.

⁴ Neste trecho, as descrições referem-se à Jerusalém do século 19 e início do 20

Referências

GOLDBERG, Lea. Ilanot [Árvores] citado por NINI, Achinoam. *Ôséf Rishon* (Primeira Coletânea). Israel: NMC Music, 2001. faixa 11, p. 12 (encarte).



OZ, Amos. *Meu Michel*. Trad. Rifka Berezin, Sônia Boguchwald e Nora Rosenfeld. São Paulo: Summus, 1982.

OZ, Amos. Yerushaláim shel mea'la v'Yrushaláim shel mata citado por OMLINSKY, Batya; WAISS, Yoná. *Ivrit leDálet Amut*. Jerusalém: Akadêmon, 1993.

SHEMER, Naomi. Yerushaláim Shel Zahav citado por HAZA, Ofra. *Greatest Hits*. Israel: Hed Artzi Music, 2000. CD 3, faixa 4, p. 3 (encarte).

YEHOSHUA, A. B. *O Sr. Máni*. Trad. Nancy Rozenchan. Rio de Janeiro: Imago, 1992.